>> *Temática Especial*

Conhecimento e cultura: o quinto elemento do hip hop na vivência de jovens MC's da região metropolitana de Curitiba

Marcia Cristina dos Santos¹
Luiz Henrique Vignola Cabrera²

Resumo:

Este artigo discute a relação entre educação, juventudes e hip hop a partir das experiências relatadas por jovens MC's que participam ativamente da cena do rap na cidade de Araucária, região metropolitana de Curitiba, capital do Estado do Paraná. Com objetivo de perceber a importância do rap na busca e construção do conhecimento por esses sujeitos, foram feitas entrevistas com roteiro semiestruturado e, em seguida, realizada uma análise qualitativa sistematizada pela articulação entre as narrativas dos sujeitos e o levantamento bibliográfico, bem como na retomada dos conceitos de juventudes e educação. Por fim, foi possível concluir que o rap se constitui em um elo que liga diferentes sujeitos numa configuração social e que, por meio da cultura, oportuniza uma formação humana e social na qual prevalece o respeito às diferenças, o gosto pela leitura e a necessidade de adquirir novos conhecimentos, além de se apresentar como uma ferramenta útil para tornar a educação escolar mais atrativa para as juventudes por meio de sua inserção no espaço escolar.

Palavras-chave:

Educação. Juventudes. Hip hop.

Knowledge and culture: the fifth element of hip hop in the experience of young MC's in the metropolitan area of Curitiba

Abstract: *This article discusses the relationship between education, youth and hip hop from the experiences reported by young MC's who actively participate in the rap scene in the city of Araucária, metropolitan region of Curitiba, capital of the State of Paraná. To understand the importance of rap in the search and construction of knowledge by these subjects, interviews were carried out with a semi-structured script, and then a qualitative analysis, systematized by the articulation between the narratives of the subjects and the bibliographic survey, as well as the resumption of the concepts of youth and education. Finally, it was possible to conclude that rap is a link that connects different subjects in a social configuration*

1 Doutoranda e Mestra em Educação, Universidade Federal do Paraná. E-mail: m_cris07@yahoo.com.br. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1553-4289>.

2 Mestrando em Educação, Universidade Federal do Paraná. E-mail: luizkr1993@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5698-3649>.

and that, through culture, it provides a human and social formation in which prevails respect for differences, a taste for reading and the need to acquire new knowledge, in addition to present itself as a useful tool to make school education more attractive to young people through their insertion in the school space.

Keywords: Education. Youths. Hip hop.

Conocimiento y cultura: el quinto elemento del hip hop en la experiencia de jóvenes MC's de la Región Metropolitana de Curitiba

Resumen: Este artículo discute la relación entre educación, juventud y hip hop a partir de las experiencias relatadas por jóvenes MC's que participan activamente en la escena del rap en la ciudad de Araucária, región metropolitana de Curitiba, capital del estado de Paraná. Para comprender la importancia del rap en la búsqueda y construcción del conocimiento por parte de estos sujetos, se realizaron entrevistas con un guión semiestructurado y, luego, un análisis cualitativo sistematizado mediante la articulación entre las narrativas de los sujetos y el relevamiento bibliográfico, así como en la reanudación de los conceptos de juventud y educación. Finalmente, se pudo concluir que el rap es un eslabón que conecta a diferentes sujetos en una configuración social y que, a través de la cultura, brinda una formación humana y social en la que prevalece el respeto a las diferencias, el gusto por la lectura y la necesidad de adquirir nuevos conocimientos, además de presentarse como una herramienta útil para hacer la educación escolar más atractiva para los jóvenes a través de su inserción en el espacio escolar.

Palabras clave: Educación. Jóvenes. Hip hop.

Introdução

Iniciamos a construção deste artigo com o objetivo de discutir a relação entre educação, juventudes e o hip hop, tendo como recorte a cidade de Araucária, que está localizada a aproximadamente 28 Km de distância de Curitiba e faz parte da área metropolitana sul da capital do Estado do Paraná. Assim como a maioria das cidades dessa região, Araucária é conhecida pela ênfase dada em sua história a contribuição de imigrantes, principalmente de poloneses e de ucranianos, e a omissão da contribuição de negros e indígenas que já habitavam o território antes da chegada dos imigrantes do leste europeu. Com uma população estimada em 146.214 habitantes (IBGE, 2020), possui uma economia pautada na indústria, o que serviu para atrair migrações mais recentes para a cidade, sobretudo em decorrência das reformas realizadas na Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR) iniciadas em 2008¹.

O interesse pelo tema surgiu de nossa atuação como professora de Sociologia da rede pública estadual entre os anos de 2014 e 2019, que proporcionou o contato com jovens ligados ao hip hop, que se destacavam no interesse pela leitura, construção de textos e debates sobre temas diversos, apresentando facilidade na construção de argumentos e trazendo reflexões significativas sobre os problemas sociais e, como professor de Geografia da rede privada de educação de 2019 até o atual momento e, que realiza a pesquisa de dissertação de mestrado sobre juventude no município. Além disso, como pesquisadores de temáticas relacionadas ao território e a cidade, esse tema nos pareceu de extrema relevância por enfatizar uma manifestação cultural comum aos jovens de periferias.

¹ Segundo o Jornal Tribuna, publicado em 21/01/2008, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foram investidos em torno de R\$ 12 bilhões na ampliação e modernização da REPAR, levando a migração de mais de 10 mil trabalhadores de diferentes regiões do país para Araucária.

Diante dos questionamentos surgidos nas conversas e trocas de experiências, lançamos mão do seguinte questionamento: Qual a importância do rap na construção de conhecimento para jovens de Araucária? Para responder a essa pergunta, nosso primeiro passo foi a realização de um levantamento da bibliografia a partir das palavras-chave: juventudes, hip hop e educação, nas bases de dados do Google Acadêmico e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Posteriormente, realizamos entrevistas por meio de um roteiro semiestruturado com três jovens que têm envolvimento direto com a cultura hip hop, mais especificamente com o rap, na cidade. As entrevistas foram realizadas no mês de janeiro de 2021, mediante assinatura de autorizações para seu uso acadêmico e gravações, respeitando todos os protocolos de prevenção da covid-19, como o uso de máscara e o distanciamento social. A seguir estão algumas informações essenciais sobre esses jovens, que analisaremos com mais detalhamento no decorrer deste trabalho.

Quadro 1 – Informações sobre jovens entrevistados

Nome Artístico	Idade	Cor/Raça ²	Escolaridade
Backdown	21	Branca	Ensino Médio completo
Cassol	19	Parda	Ensino Médio incompleto
Gil Vandal	31	Negra	Ensino Médio completo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas buscas por referências selecionamos o termo hip hop por considerá-lo mais abrangente, sabendo que ele engloba os três elementos dessa cultura: o break, o rap e o grafite. Fochi (2007) retoma sua história apontando o surgimento nas periferias das cidades de Nova York e Chicago em meados da década de 1970, como resultado de ações que visavam lidar com as disputas entre gangues da região. Em vez de brigar, os jovens eram encorajados a dançar o break e fazer grafites como forma de expressão artística. Para o autor, a criação de passos de dança, letras e grafites exigia engajamento e conhecimento da realidade e da história, assim, mais do que reduzir as disputas e violência entre gangues rivais, o hip hop foi um conjunto de expressões artísticas que promoveu a cultura para esses jovens. A primeira expressão da cultura hip hop no Brasil foi o break, em São Paulo e no Rio de Janeiro, diferente do que acontece nos Estados Unidos, aqui, os primeiros dançarinos não tinham o foco na disputa, mas na diversão e construção de autoestima.

No entanto, o rap foi o elemento fundamental para a difusão da cultura hip hop no Brasil, tanto pelo conteúdo das letras, quanto pelo modismo, como afirma Fochi (2007). Os Racionais MC's são apontados pelo autor como pioneiros do rap no país, apesar de existirem grupos anteriores e artistas como Thaide, o CD *sobrevivendo no inferno* lançado em 1997, foi um grande destaque por ter vendido mais de um milhão de cópias. Acompanhando o rap, a pesquisa trouxe a presença do quinto elemento da cultura hip hop e que possui uma relação tênue com a proposta desse artigo, o conhecimento:

É por meio destes três elementos, o break, o grafite e o rap que o hip hop apareceu e se difundiu no Brasil e pelo mundo. Eles funcionam como um meio, um instrumento de propagação daquilo que alguns autores denominam o quarto – e, a nosso ver, mais importante – *elemento do hip hop: o conhecimento*. Esta seria a base de sustentação que não permitiu a banalização, a transformação do rap, do break, num modismo ultrapassado. É a conscientização, o conhecimento, tido como alvo pelos precursores do hip hop no Brasil, ensinada pelas ONGs e posses aos jovens da periferia, um dos principais fatores que consolida, fortalece e perpetua esta cultura. (FOCHI, 2007, p. 64)³.

² Fizemos a pergunta aberta sem especificar as categorias, mas para fins de análise, consideramos a categoria negra como a soma das categorias pretos e pardos.

³ O autor fala do conhecimento como quarto elemento da cultura hip hop, mas os jovens entrevistados se referem a ele como o quinto elemento que integra essa cultura, junto com o grafite, break, MC e o DJ.

Logo, manteremos o foco no rap, a forma de expressão da cultura mais utilizada pelos sujeitos entrevistados e no conhecimento, apontado por todos eles como base que possibilita a construção de letras e músicas. Dessa maneira, é importante frisar que não estamos considerando educação e conhecimento como sinônimos, mas a proximidade entre eles e o processo de ensino e aprendizagem que acontece na busca pelo conhecimento. Assim, a perspectiva de educação escolhida para este trabalho se aproxima da que foi adotada por Meyer (2012), definida como “um conjunto de processos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos de uma cultura. Nessa direção, tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e um processo de ensino e aprendizagem...” (MEYER, 2012, p. 50). Portanto, a abordagem pretende identificar o processo de construção de conhecimento fora dos espaços escolares, no cotidiano dos jovens, mais precisamente, aquele que resulta de sua inserção no rap.

Como método optamos pela análise qualitativa, sistematizada a partir da relação entre as narrativas dos entrevistados e as informações coletadas da bibliografia. Em oposição à visão verticalizada trazida pelo funcionalismo, bem como à separação entre indivíduo e sociedade e à coerção constante exercida pelas instituições, adotamos aqui uma perspectiva sociológica mais dinâmica, considerando a impossibilidade de separação entre indivíduo e sociedade proposta por Norbert Elias. Defendendo a visão de que a sociedade é formada por indivíduos da mesma forma que um coletivo de indivíduos forma a sociedade. Para Elias (1994), as pessoas estão ligadas umas às outras por meio de interdependências que formam diversas configurações sociais. Apesar de não termos a intenção de resgatar a história do indivíduo ou analisar as diversas redes de relações que ele constituiu ao longo da vida, temos de discutir o quanto o pertencimento a essa configuração social construída em torno do rap possibilitou a aquisição de novos saberes e influenciou nas relações sociais e na visão de mundo de cada sujeito, reforçando a necessidade de observar a relação indivíduo e sociedade de maneira indissociável.

Juventudes e a música como expressão cultural de jovens no Brasil

Para efeito deste trabalho, buscaremos resgatar abordagens dadas ao conceito de juventude para que através de referências de pesquisas sobre o tema possamos delimitar quais lentes nos ajudam a pensar o recorte escolhido. Nesse sentido, o pensar a juventude em si só já é um desafio, logo, pensá-la dentro das perspectivas culturais ao qual ela se insere, além dos diferentes contextos nos quais os jovens de Araucária vivem, é uma tarefa que deve se estender para outros trabalhos que ajudem a ampliar o debate. Por agora, focaremos em enviesá-lo por caminhos mais precisos em fins de contribuir ao entendimento da juventude, com breves enlaces ao seu histórico dentro das ciências sociais, mas respeitando o presente formato de trabalho e os outros conteúdos que o irão compor.

Primeiramente, para pensar juventude é preciso entender como ela é tratada em nossa sociedade. A concepção de juventude e sua noção social é ainda maiormente formatada pela sociologia funcionalista, na qual a juventude é uma categoria de análise de um momento de transição na vida dos indivíduos – da infância para a maturidade –, em que passam por um processo complicado de integração a sociedade e as responsabilidades inerentes à vida adulta (ABRAMO, 1997). Assim como descreve Abramo (1997, p. 29), a juventude

[...] só está presente para o pensamento e para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social.

Em outros termos, a juventude é reconhecida socialmente como um momento passageiro que é marcado pelas dificuldades do indivíduo se inserir na vida adulta e os riscos de ele não dar prosseguimento aos costumes e formas socialmente aceitas de viver em sociedade. Dentro dessa ótica funcionalista, ainda que ameace a ordem social vigente, o jovem também é relacionado com o progresso, isso porque, como descrevem Feixa e Leccardi: “O tempo social é ‘biologizado’. De modo semelhante ao organismo humano, também o organismo social é sujeito ao desgaste. Mas, para este, as ‘partes’ podem ser facilmente substituídas: as novas gerações tomarão o lugar das antigas” (2010, p. 187). No entanto, ainda segundo Feixa e Leccardi, os conflitos entre as gerações, dentro da lógica funcionalista acontecem quando a vida de uma geração é longa demais: “(...) frustrando as novas gerações e seu ‘instinto inovador’, de descobrir espaços de expressão de si (se a vida fosse excessivamente breve, a predominância deste instinto criaria um desequilíbrio social que inevitavelmente romperia o ritmo do progresso)” (2010, p. 187-188).

Dessa forma, os funcionalistas, liderados por Auguste Comte, implantavam concepções biologizantes em suas interpretações sobre as gerações e sobre a sociedade, o que as reduziam em modelos e leis que nada expressavam, mas que ainda hoje influem no pensamento social sobre juventude.

Nesse sentido, a temática de juventude foi trabalhada durante muito tempo diante de um único panorama: progresso ou problema social. Assim, segundo Abramo, a juventude “só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade” (1997, p. 29). Para a autora, a juventude só se tornou suficientemente interessante de ser estudada quando representou, historicamente, enfrentamentos às ordens sociais vigentes. Conclui-se, desse modo, que somente uma pequena parcela das juventudes de todo o mundo foi objeto de estudo da sociologia, isso porque muitos dos jovens foram abstraídos de sua importância histórica como indivíduos participantes de suas respectivas sociedades – por não representarem ameaças visíveis às gerações anteriores.

No Brasil, conforme Abramo (1997), houve um aumento no interesse pela juventude nos últimos anos, tanto nos espaços acadêmicos, quanto pela mídia, por atores políticos e organizações não governamentais. Ao descrever características culturais das juventudes brasileiras através das décadas, a autora repercute a percepção de que, a música, assim como outras formas de arte, se apresenta como uma possibilidade para abordar temas relacionados à juventude em diferentes momentos históricos. Nos anos 60 e parte dos anos 70, por exemplo, essa perspectiva negativa era usada para adjetivar toda uma geração que, por sua conduta contestadora e resistência à ordem social vigente, era tida como contraventora. Todavia, os movimentos, geralmente ligados a estudantes, tidos como Movimentos de contracultura, eram pacíficos e tinham o intuito de resistir ao regime político e a dominação e teve como expressão cultural, no campo musical, o “Tropicalismo” que contava com artistas como Tom Zé, Chico Buarque e Caetano Veloso (ABRAMO, 1997). Os jovens dos anos 80 eram criticados por sua inércia em comparação com a geração anterior, de acordo com Abramo (1997) eram vistos como conservadores, consumistas e indiferentes, crítica que também encontra eco no cenário musical, a exemplo de algumas músicas de Cazuza e Legião Urbana, entre outros artistas que fizeram sucesso na época, geralmente, mantendo a postura de resistência com críticas ao contexto político e social, mas também, mostrando que precisa haver maior conscientização. Um bom exemplo disso é a música ideologia:

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito

Eu nem acredito ah
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Frequenta agora as festas do "Grand Monde"
 Meus heróis morreram de overdose
 Eh, meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver (CAZUZA, 1988, grifos nossos)⁴

A letra de Cazuza fala do suposto consumismo e conformismo da juventude (aqui como autocrítica), mas também aponta a necessidade de mudança. Outras músicas e artistas também compartilharam esse ponto de vista, seria possível escrever uma tese com esse recorte, por ora, importa evidenciar a relação entre a juventude e a cultura musical no Brasil, lembrando que os jovens que estão em evidência entre os anos 60 e 80, em sua grande maioria, pertencem a uma classe social mais abastada e habitam os centros urbanos do país, diferente dos jovens e das manifestações contraculturais que começam a aparecer na década de 90, quando o problema passa a ser o jovem nas ruas e o envolvimento com o crime como consequência da falência das instituições de socialização que os fazem vítimas e fomentadores de uma "dissolução social" (ABRAMO, 1997). É nessa conjuntura que o hip hop ganha espaço no Brasil, mais uma vez, com esse viés de contracultura, como forma de resistência das juventudes que agora estão em evidência: negras, pobres e periféricas.

Retomando a ideia de Elias (1994), as diversas redes em que os indivíduos se relacionam são fundamentais à existência humana, e o fato de elas existirem simultaneamente permite apropriações diferentes de uma mesma cultura, como é o caso do que observamos com o rap em Araucária. Entende-se, desse modo, que à luz das concepções de Elias as identidades e as apropriações culturais não são uniformes, ao contrário, elas são tão diversas quanto as redes de cada indivíduo que as integram. De modo semelhante, Dayrell (2003) questiona a possibilidade de demarcação da identidade através da cultura: "Podemos até conhecer o jovem como um rapper ou um funkeiro, mas sabemos muito pouco a respeito do significado dessa identidade no conjunto que, efetivamente, faz com que ele seja o que é naquele momento" (2003, p. 40).

Sobre isso, concordamos com a perspectiva dos dois autores, sobretudo de Dayrell (2003), em que a juventude "constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma" (p. 42), e a categoria geracional busca condensar as diversidades sociais e ampliar o debate sobre as culturas jovens, o que, segundo o autor, implica "em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social" (p. 42). Em resumo, a juventude deve ser entendida em sua pluralidade – não como uma etapa transitória da infância para a maturidade, nem como um rompimento com a ordem social preestabelecida. O jovem é, nesse sentido, um ser único que se apropria dos meios sociais e os transforma de acordo com sua interpretação e significação do mundo, e das relações sociais (DAYRELL, 2003). Isto é, definir a categoria geracional de juventude perpassa as noções de identidade e diversidade. De modo semelhante, Feixa e Nilan contestam as definições habituais da categoria geracional de juventude:

Por 'juventude' nos referimos a uma ampla escala cronológica – jovens de ambos os sexos na faixa etária de 12-35. Essa faixa etária indica o quanto a categoria de idade 'juventude' tem se

4 Cazuza - *Ideologia* (Clípe Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoiF-pDzod4>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ampliado, incluindo aqueles que são legalmente reconhecidos em algumas sociedades como crianças, e outros que são legalmente reconhecidos em outras sociedades como adultos. Estamos menos preocupados com estatutos oficiais que com práticas sociais e culturais nas trajetórias dos jovens. Nosso interesse recai na construção social da identidade, nos jovens como atores sociais criativos, no consumo cultural e nos movimentos sociais – isto é: no caráter distintivo das culturas juvenis locais num mundo globalizado. (FEIXA; NILAN, 2009, p. 13).

Para os autores não há um modelo linear que categorize juventude, o que há, de fato, são indivíduos que se constituem em práticas sociais diversas. Diferentemente das alusões de grande parte dos trabalhos em ciências sociais que apresentam o contorno da juventude em escala cronológica de idade, ou representada pelos modismos de sua época, Feixa e Nilan apresentam noções menos exatas sobre a categoria, sobretudo por a compreenderem a partir de hibridizações culturais, ou como descrevem, a partir de elos entre “o local e o global, o hegemônico e o subalterno, o centro e a periferia” (2009, p. 14). Assim, para eles, as identidades dos indivíduos constituem-se através da assimilação das culturas globais pelas locais, portanto, seguindo essa acepção há diferenças que se desenvolvem localmente nas apropriações da cultura hip hop entre os jovens que participaram da pesquisa, provocadas por suas diferentes vivências relacionadas a bairros, ruas, praças, campos de futebol e parques que compõem os espaços próximos de suas casas e dos quais passam seus dias.

A revisão da bibliografia e seu eco nas vozes dos jovens de Araucária

A busca por textos que articulassem os conceitos escolhidos resultou na seleção de 30 trabalhos apenas pelos títulos. O passo seguinte foi a organização de uma tabela em ordem cronológica decrescente com os títulos e resumos, que foram lidos com o intuito de selecionar apenas os mais relevantes chegando ao total de 20 textos, que após uma leitura mais atenta foi reduzido para 12 textos. Os textos selecionados foram publicados entre os anos de 2009 e 2019, dentre eles, apenas três abordaram diretamente a relação entre o hip hop e a educação: Santos (2012), que analisa as práticas educativas do hip hop em Salvador a partir do conceito de Educação não-formal com o intuito de verificar a conscientização identitária dos jovens, suas posturas nas tomadas de decisão individuais e coletivas e as metodologias utilizadas no processo de ensino aprendizagem. Após retomar aspectos históricos, o autor afirma que o hip hop soteropolitano tem características próprias que resultam das especificidades culturais locais e do caráter híbrido da cultura e conclui que o hip hop por meio da educação não-formal impulsiona os jovens a ocuparem um papel de destaque na sociedade constituindo-se como sujeito social capaz de transformar a sua realidade. Carranza, de Siqueira e Silva (2017) analisa o hip hop como espaço de construção de identidades e sua relação com as práticas pedagógicas, fazendo uso de conceitos como: educação popular, pedagogias das juventudes (Pjs) e as possíveis relações com o multiculturalismo e a pedagogia social.

A influência do hip hop na construção da identidade dos sujeitos é retomada por diversos autores, assim como fazem Santos (2012) e Carranza, de Siqueira e Silva (2017), essa questão fica evidente nas falas de Gil Vandal:

Então, eu acho que uma das partes mais importantes é na questão da autovalorização, da raça, tipo de se autoafirmar negro também, né. Porque no tempo que eu conheci o rap era uma coisa assim tipo... Não existia essa parada de orgulho negro naquele tempo nas escolas e nos lugares. Se alguém fizesse um bullying, alguma coisa com uma pessoa negra, ela não ia falar ‘tenho orgulho de ser negro’, não existia, entendeu, no meio que eu vivia. Depois que eu conheci o hip hop, daí vi os caras, vi Racionais, vi também os outros caras mais antigos, tipo: James Brown lá dos EUA, esses caras todos. Eu passei a ter orgulho, sabe, de ser negro e tudo, que você via um cara bem vestido que era negro, coisa que você não via na TV, entendeu, só via coadjuvante ali. Então acho que essa é a parada mais importante, é o orgulho mesmo de ser negro, essas paradas assim.

Eu acho que a consciência de classe, você entender o teu papel na sociedade, vamos dizer, a nossa classe produz a riqueza pra uma outra classe desfrutar e, tipo, é muito injusto. Então acho que essa questão da consciência racial, de classe, vamos ver que mais... Acho que não veio mais nada, mas acho que essa questão da... Essa questão da consciência de classe mesmo, acho que é o que mais pega. Que eu não teria acesso se não fosse o hip-hop.

Para este jovem, o hip hop e a representatividade foram fundamentais para a construção e valorização de sua identidade racial e consciência do lugar que ocupa na sociedade. Para Cassol a aproximação com o hip hop transformou a sua vida:

Cassol: (mudou) Tudo na verdade. Tudo o que eu fiz até hoje foi por causa disso. Eu lembro que eu parei de estudar por causa disso, tipo, querendo ou não, não foi ruim porque a maioria das coisas que eu aprendi foi através de músicas e também foi fazendo música que eu também fui pesquisar, quis saber coisas novas e também tem um pilar do hip hop dizem, né? É o quinto que o *conhecimento* e eu acho que isso é muito válido, porque a gente vive numa busca incessante de saber as coisas ao mesmo tempo. E, nossa! Tudo! *Eu aprendi muita coisa com o rap, tudo até hoje!* Convivência com as pessoas, muitas coisas sobre a sociedade, as diferenças, coisas que ah! Tipo também uma coisa de *autoestima*, porque eu sempre me senti perdido, nunca soube pra onde ir. Agora eu me sinto satisfeito onde eu tô, tenho planos. (Grifos nossos).

Além de evidenciar um aspecto primordial dessa pesquisa, o conhecimento adquirido por meio do rap, Cassol aponta questões importantes na construção de sua identidade como o aprendizado sobre “as diferenças” sociais e a construção de autoestima, que interferem diretamente em sua identidade. Deixar de estudar, segundo ele, foi uma consequência da sua busca por algo que “fizesse sentido”, situação que traz à tona a necessidade da interação entre a escola e a realidade vivenciada pelos jovens fora do espaço escolar.

Em certa medida, a ótica de Carranza, de Siqueira e Silva (2017) se aproxima da nossa proposta, especialmente quando destacam os pilares pedagógicos das Pjs, que fazem referência às formas de educação formais e não formais que deram lugar às diferenças, valorizando as sociabilidades e interações sociais estabelecidas pelos jovens, bem como, o potencial educativo resultante delas e sua contribuição para a formação humana e a importância da integração entre as realidades vivenciadas pelos jovens e as práticas educativas. Em nossas entrevistas foi possível perceber que a proximidade do rap com as realidades cotidianas dos jovens entrevistados cria neles a necessidade de adquirir conhecimentos que sirvam para a vida:

Bacdown: Tudo o que escuta, você tá captando uma mensagem e essa mensagem é um recado pra você e aí tá o aprendizado, né? A mesma coisa que colocar uma prova na escola, lá você vai fazer com caneta, mas aqui fora você vai fazer com a tua vida. É uma lição pra você mesmo captar tudo o que você tem que fazer na vida. Porque as letras do hip hop tem vários temas, várias temáticas que podem ser boas pra você ou não. Uma coisa que você pode utilizar ou alguma coisa pra você ver e não cometer o mesmo erro que a pessoa cometeu.

Cassol: Meu lugar na sociedade, principalmente. O ponto de vista de ser um homem, tipo essa diferença da sociedade machista... Eu sinto que eu sou muito machista, mas o rap também está me consertando. Escutando mulheres sabe? E eu acho que é mais nessa construção de buscar ser melhor, sabe? Que eu aprendi bastante.

Gil Vandal: Mudou bastante o fato da consciência, né. A princípio nem a consciência de classe, que eu fui adquirindo depois, né. Foi tudo... O rap foi levando, né, aprendi uma coisa ali, aí foi levando. Mas, eu acho que a maneira de perceber o mundo, né. Porque as outras artes que existem, ou as outras formas de enxergar o mundo, é um tipo, agora o hip-hop é aquela forma do periférico mesmo, não de alguém contanto a história da periferia, o próprio periférico que passa necessidade, que vai preso, que tipo passa dificuldades, sabe. Então, o que mudou foi a minha percepção de tudo e a minha maneira de lidar com tudo isso. Com o povo, com as outras pessoas e com a sociedade.

Os trechos destacados mostram que em diferentes momentos, cada um dos entrevistados fez referência à formação humana adquirida no rap e as mudanças em suas relações sociais. Carranza, de Siqueira e Silva (2017) apresenta um levantamento e sistematização da bibliografia existente sobre o tema estudado em diversas áreas, mostrando um aumento expressivo de trabalhos em educação e conclui com a expectativa de ter conseguido expor a pertinência do uso do hip hop como ferramenta para a promoção de

práticas pedagógicas significativas e inclusivas considerando sua potencialidade para o exercício do olhar crítico sobre os determinantes sociais, políticos e culturais em busca de uma educação transformadora, voltada para a justiça e igualdade social. (CARRANZA; DE SIQUEIRA; SILVA, 2017, p. 63-64).

Além disso, o diálogo entre hip hop e educação, é visto como possibilidade de aproximar educação e cultura com ênfase no respeito às diversas formas de ser e estar no mundo. Em concordância com essa óptica, Miranda (2019), ao analisar as batalhas de mc's de Salvador, constata que, referenciando Messias (2008) e Freitas *et al.* (2015) que, assim como o hip hop, elas assumem o papel de dispositivo de letramento extraescolar, “O corpo (através das danças e do posicionamento no mundo) e a voz (pelo rap) tornam-se suportes para os jovens das periferias tecerem redes de leitura e escrita, como uma outra via de educação” (MIRANDA, 2019, p. 45). Para Mazer (2019), a informação é muito importante nas batalhas de conhecimento, pois além de rimar bem, o participante precisa estar inteirado sobre determinados temas.

As redes de leitura citadas por Miranda (2019) se assemelham aos grupos de estudos citados pelos jovens de Araucária, pessoas que se reuniam para debater textos e livros a fim de construir conhecimento:

Gil Vandal: Tinham vários encontros que a gente fazia, que agora por causa da pandemia a gente não faz. Mas a gente fazia... Um deles era esse: *era um grupo de estudos que a gente fazia. E, a gente pegava alguns textos e lia, ou trechos de livros, tipo de literatura marginal ou até de Karl Marx e essas coisas assim, pra gente debater.* A ideia surgiu, não sei, acho que já existem outros grupos por aí nessa pegada. Mas, eu acho que surgiu da necessidade de a gente ter um rolê sóbrio, sabe, porque tipo assim, o rap muito, hoje em dia ainda, é muito um rolê assim pra galera toma um gole, pra fuma um baseado, pra isso. E a gente queria, tipo, que além disso, né, que *eu não gosto muito dessa parte de droga envolvida com a cultura, a gente queria ter os rolês sóbrios, daí a gente teve essa ideia: fazer um rolê pra ler.* Porque daí, nesse tipo de rolê não ia ter como a pessoa usar droga ou ir bêbado, até como se ali a gente né, tipo fala com a pessoa e tal, se ela queria tipo, só ouvir, ou queria tipo né... Porque era um rolê sóbrio, já estava especificado, né, sem uso de droga nenhuma. Então, acho que surgiu da necessidade de ter mesmo isso pra gente discutir esse tema assim, sabe. (grifos nossos).

Backdown também lembra com nostalgia desses encontros, quando comentamos que Gil Vandal também participou da pesquisa, ele fez questão de falar o quanto aprendeu convivendo com ele e participando dos grupos de estudo no Parque Cachoeira, cita um dos livros que o Gil havia comentado conosco que foi um dos mais discutidos *A Guerra não Declarada na Visão de um Favelado*, de Eduardo Taddeo, integrante do grupo Facção Central.

Neste sentido, Kipper e Prado (2010) discutem a disseminação de informação a partir do rap e como esse movimento resulta na criação das bibliotecas comunitárias nas periferias de São Paulo. Para os autores, o rap é usado pelos jovens como forma de expressão e produção de discursos que questionam suas condições sociais, econômicas e culturais e educacionais, dessa maneira a construção de conhecimento e ampliação de repertório e bases culturais se constituem como necessidade para se tornar um bom rapper. Para isso, os autores percebem a existência de um processo colaborativo para construção e busca de novos conhecimentos.

Cassol: Eu acho que o hip hop é uma educação, na verdade. Foi a minha educação. É que ao mesmo tempo, eu não tive contato com outros elementos. Já fui curioso sobre o break, o grafite e acho que cada um desses, em particular, para outras pessoas também já salvaram. Eu faço rap, isso me salvou de alguma maneira, mas também tem todos esses pontos que salvam outras pessoas e eu comecei fazendo rap e os *únicos cursos que eu comecei e terminei aprendendo mesmo, assistindo as aulas foi o de produção musical e o de edição de vídeo*. A gente fez uma vaquinha, eu e meus amigos, a gente comprou, estudou e eu vejo que é bem isso que direciona, que faz a gente buscar informação, eu sinto que me educou muito. (grifos nossos).

Backdown: Eu acredito que sim, porque pra você ter uma voz, saber o que você está falando, você precisa ler. Quando você lê adquire conhecimento. Para transmitir o que eu tenho pra dizer, tipo numa música, eu preciso ler alguma coisa pra ter certo entendimento. Eu posso cantar uma coisa e a pessoa dizer: o que é isso? Vai me questionar e eu não saber responder, aí eu não saberia o que eu to cantando. Então, você precisa ter o conhecimento daquilo que tá falando pra poder falar.

Para estes jovens, o rap se apresenta como combustível que os estimula a buscar informações e conhecimentos que, além de serem úteis em suas composições, refletem em suas vidas de forma positiva. No caso do Cassol, o curso comprado coletivamente permitiu que ele começasse a produzir músicas e vídeos a preços mais justos ajudando os amigos a divulgarem sua arte e ainda pagar as contas com o que recebe em troca.

Para Oliveira e Sena (2019), o conhecimento se apresenta como instrumento que permite aos jovens se expressarem nas batalhas. As trocas de experiências somadas às bagagens individuais dos MC's demonstram a diversidade da cultura hip hop. Os vínculos estabelecidos pelos jovens nesse contexto são destacados por Tavares (2009), que acredita que o rap se constitui numa forma de lidar com a autoestima e ausência do Estado por jovens periféricos. Levando em conta a percepção destes autores é possível retomar a perspectiva de Elias (1994), já que, evidencia a importância das relações sociais construídas entre os sujeitos e o câmbio de experiências individuais e coletivas como responsáveis pelas diferentes manifestações da cultura.

Mesmo dentro de um mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte. Mas as diferenças entre os rumos seguidos por diferentes indivíduos, entre as situações e funções por que eles passam no curso de sua vida, são menos numerosas nas sociedades mais simples do que nas complexas. (ELIAS, 1994, p. 27).

As diferenças de visão da cultura entre os jovens participantes da pesquisa são, nesse sentido, destacadas pelas experiências que cada um desenvolveu no decorrer de sua vida: nas proporcionadas pela cultura hip hop e nas que se realizaram fora dela – como se dispõem suas redes de relacionamentos, por exemplo.

Os jovens que entrevistamos vivem em regiões distintas de Araucária: Gil Vandal é morador do bairro Iguaçu, distante aproximadamente 1,6 quilômetros do centro de Araucária e 38 quilômetros do centro de Curitiba; enquanto Cassol é morador do bairro Tindiquera, distante aproximadamente 6,7 quilômetros do centro de Araucária e 24 quilômetros do centro de Curitiba e Backdown, que é morador do bairro Boqueirão, distante aproximadamente 2,8 quilômetros do centro de Araucária e 28 quilômetros do centro de Curitiba.

A distância dos bairros em que moram os jovens e o Centro de Curitiba se multiplica quando analisamos os dados socioeconômicos da cidade. Segundo o IBGE, Araucária em 2017 tinha PIB per capita⁵ de R\$ 123.478,34 enquanto Curitiba tinha PIB per capita de R\$ 44.384,92, ao passo que nos

5 Informações retiradas do site do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2 fev. 2020.

dados de IDHM⁶ (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), Araucária aparece com 0,740 enquanto Curitiba está 0,823. O que demonstra a imensa desigualdade social presente no município de Araucária quando comparada com Curitiba, uma cidade muito maior em dimensões e com problemas sociais graves em suas periferias. Adiante está o Mapa 1 – Bairros de Araucária, por ele é possível pensar com mais referências as espacialidades produzidas pelos jovens pesquisados.

Figura 1 – Bairros de Araucária

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do IBGE (2010).

A relação com o espaço é tratada, mesmo quando não é o tema central dos trabalhos, Costa e Menezes (2009), por exemplo, problematizam as noções de comunidade e território percebendo que, para além das dificuldades enfrentadas, há entre os jovens um sentimento de comunidade caracterizado por laços de pertencimento. Em nossa pesquisa tentamos explorar essas noções com perguntas sobre as vivências dos jovens em suas comunidades, sua relação com os espaços e territórios da cidade e percepção acerca de mecanismos de segregação:

Uma coisa importante quando eu comecei, uns anos depois que eu comecei, eu entendi que é importante primeiro você fazer o rap, o hip-hop dentro da sua vila, vamos dizer assim, depois na sua cidade, pra depois tentar expandir. Então, o que mudou foi a forma de me expressar, que eu sou do grafite também, então fazendo os grafites eu tinha um contato de conversa maior com o povo, com os vizinhos, com o pessoal e, até uma maneira diferente de me expressar e de entender também as coisas, sabe. Então, eu acho que acabou trazendo... O hip-hop trouxe

⁶ Informações retiradas do site do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2 fev. 2020.

esse amadurecimento de eu conversar melhor com a comunidade, de eu ver a importância de conversar no meu bairro, né. Que eu não vou tipo... muita gente começa querendo ser famosa ou de chegar longe, mas esquece de ser bem visto, bem visto e bem interpretado, dentro do seu próprio bairro. Então, eu acho que o hip-hop também trouxe isso pra mim da importância na minha quebrada, na minha vila, pra depois eu, né, tentar expandir as ideias pra cidade, pra né... pra um bagulho mais estadual. (Gil Vandal).

Assim, o sentimento de pertencimento e valorização de seu lugar de origem ficam evidentes na fala de Gil Vandal e na de Backdown, que sem se alongar, diz que “sempre fez mais por Araucária mesmo”. Gil faz mais referência ao seu bairro, mas foi organizador e participante de diversos eventos espalhados pela cidade, enquanto Backdown apresenta um apego à cidade como um todo que é justificável tendo em vista o tamanho da área urbana e a facilidade em se deslocar pelos espaços usando meios de transporte particulares ou mesmo o transporte público que é o mais barato da região metropolitana de Curitiba (atualmente custa R\$ 2,20). Quando questionado a respeito dos lugares que costuma frequentar, ele cita praças e pistas de skate que estão localizadas em diferentes bairros da cidade: Pista do cigano, CSU, Parque Cachoeira, Praça da Bíblia e outros lugares dos bairros Boqueirão e Capela Velha. Cassol cita o Parque Cachoeira que fica perto de sua casa, mas mostra um sentimento especial em relação às Batalhas que participou no Bairro Capela Velha, que antes da pandemia aconteciam na Escola Municipal Ayrton Senna da Silva e ficou conhecida como Batalha do Senna:

Cassol: Na batalha do Parque Cachoeira eu batalhei algumas vezes, mas eu lembro que quando eu batalhei no Senna foi diferente. Eu cheguei lá e não conheci ninguém e eu nunca tinha assistido a batalha, não sabia se os caras eram bons, era nessas coisas que eu pensava e eu cheguei e falei: Ah! Vou por meu nome aí, ninguém me conhecia e quando eu rimei, eu fazia parte daquele lugar, as pessoas eram minhas amigas e isso que era louco, porque eu não conseguia encontrar isso em lugar nenhum, dentro de casa era complicado, jogando bola eu não sentia a mesma coisa. É um ponto de vista meio individual, mas com certeza influencia em tudo. Eu lembro que quando eu estudava, eu trabalhava à tarde e estudava à noite e não ia para a escola pra ir para as batalhas, porque tinha batalha todos os dias, ao mesmo tempo era válido porque era a única coisa que estava fazendo sentido para mim e hoje em dia eu sinto que valeu a pena.

Através das batalhas de rima, Cassol teve a possibilidade de ir para lugares que geralmente ele não iria, mais que isso, se sentir parte desses lugares. A mobilidade desses jovens pelos espaços da cidade os propicia conhecer além de outras condições sociais, outras histórias de vida e percepções de sociedade, assim, enquanto aprendem com leituras para se prepararem para as batalhas ou para escreverem suas músicas, eles exercitam igualmente sua capacidade de síntese. Desse modo, o hip hop assume para esses jovens a importância de uma educação social e fomenta neles o desejo de aprender não só para melhorarem seus versos, mas na necessidade que desenvolvem de compreender o que veem em suas andanças pela cidade e o que escutam nesses percursos de descoberta, sobretudo, de descoberta dos outros.

Considerações finais

A construção deste artigo mostrou que a combinação entre educação, juventude e hip hop tem sido tratada por diversas áreas de estudos e sob vários pontos de vista, por isso nossas buscas trouxeram inúmeros resultados, a maioria tratando de estudos com recorte espacial/territorial específico. Nesse sentido, a nossa contribuição se dá pelo esforço do diálogo entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento desenvolvido por jovens rappers, que aqui exercitamos como método de análise, se articulando, também no (re)conhecimento da cultura hip hop e em nosso apren-

dizado diante do que os jovens conseguiram nos transmitir durante as entrevistas. Nesta lógica, cabe destacar as conclusões de Fochi (2007, p. 63) sobre a cultura:

O hip hop é muito mais que música e dança, muito mais que pular e requebrar – significado literal da tradução em inglês do termo. Ele busca conscientizar, educar, humanizar, promover, instruir e divertir os moradores da periferia, além de reivindicar direitos e o respeito a esse povo.

Nos documentos educacionais há a preocupação da escola preparando os sujeitos para o exercício da cidadania, além de incentivar abordagens que levem em consideração o cotidiano, porém, nem sempre existe abertura para que as experiências dos jovens adentrem o espaço escolar, principalmente, por haver muito preconceito em relação a algumas práticas. O hip hop, frequentemente esbarra nessa resistência⁷. Com as entrevistas foi possível perceber que apesar de demonstrarem interesse pela aquisição constante de conhecimento, a escola não foi o espaço que proporcionou uma experiência positiva para os jovens, situação que evidencia a necessidade de colocar em prática essas orientações, ou seja, de articular os conteúdos da educação formal com as práticas culturais cotidianas dos estudantes, evitando situações de evasão como aparece no relato de Cassol.

A bibliografia trouxe aspectos importantes da cultura hip hop no Brasil e, as percepções dos trabalhos selecionados na revisão, em geral, foram refletidas nas falas dos jovens entrevistados, que apresentaram preocupação com a construção do conhecimento, consciência das desigualdades, diferenças e da diversidade que permeiam as relações sociais, cada um de sua forma e com foco mais voltado para alguma situação específica que representa o lugar que ocupam em suas configurações sociais. Gil Vandal enfatizou as desigualdades sociais e raciais e a importância do hip hop na construção de sua identidade como jovem negro e periférico, Backdown também abordou a questão em diferentes momentos da conversa, mas de um lugar diferente, como jovem branco da periferia, que percebe a discriminação racial como um problema e entende que, nesse sentido, ocupa um espaço privilegiado, estando, inclusive, menos sujeito a exclusão e abordagens policiais. Cassol demonstrou preocupação em aprender a ser menos machista, mostrando que entende essa postura como uma construção social e que tem aprendido a respeito com as mulheres que usam o rap para questionar esses padrões.

Com efeito, percebemos que o rap representa um elo entre diferentes sujeitos numa configuração social, manifestadamente em interdependência com o conhecimento a cultura oportuniza uma formação mais humanizada com ênfase no respeito à diversidade, promovendo o interesse pela leitura, a dedicação voltada para a aquisição de conhecimentos e pode ser utilizado como forma de aproximar a educação escolar do dia a dia dos jovens fomentando o processo de ensino e aprendizagem.

⁷ Fazemos essa afirmação a partir de nossa experiência como docentes. No caso específico das escolas públicas, a autora apresentou diversas propostas que consistiam nessa aproximação, mas sempre recebeu negativas por parte dos gestores que usavam argumentos do senso comum para marginalizar a cultura e os jovens que fazem parte dela.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5, maio/ago. 1997; n. 6, set./dez. 1997, p. 25-36.
- ARAUCÁRIA. *Plano Municipal de Cultura*. Lei n.º 2.725 de 2014. Aprova o plano municipal de cultura para o decênio 2014-2022, e dá outras providências. Araucária: Câmara Municipal, 2014.
- CARRANZA, Valentina; DE SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz; SILVA, Marcell Rezende. O hip hop como pedagogia das juventudes: Encontro possível entre o multiculturalismo crítico, a pedagogia social e a educação popular. *Revista Iberoamericana de Educación*, Madrid, v. 75, p. 45-68, 2017.
- COSTA, Mônica Rodrigues; MENEZES, Jaileila de Araújo. Os Territórios de ação política de jovens do movimento Hip-Hop. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 24, p. 199-216, dez. 2009.
- DAYRELL, Juez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, set./dez. 2003.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010.
- FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Revista de Ciências Sociais: política & trabalho*, João Pessoa, n. 31, p. 13-28, set. 2009.
- FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?. *FACOM: revista da faculdade de comunicação e marketing da FAAP*, São Paulo, n. 17, p. 61-69, 2007.
- FREITAS, Henrique *et al.* Afro-rasuras: o hip-hop como agência biopolítica dos letramentos negros. In: OLIVEIRA, Marinyze Prates de; PEREIRA, Maurício Matos dos Santos (org.). *Subalternidades em perspectiva: limites, ausências e devires*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2015. v. 1. p. 125-138.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. [S. l.]: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2 fev. 2020.
- KIPPER, Liane Mahlmann; PRADO, Geraldo Moreira. O RAP como elemento desencadeador de informação e conhecimento. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 51-60, jan./abr. 2010.
- MAZER, Dulce. Rimar, improvisar e ocupar a cidade: o RAP reinventado os discursos e os palcos em uma capital brasileira. In: SITOE, Tirso; GUERRA, Paula (org.). *Reinventar o discurso e o palco: o rap, entre saberes locais e olhares globais*. Porto: UPorto, 2019. p. 100-114.
- MESSIAS, Ivan dos Santos. *Hip-hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal*. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-61.
- MIRANDA, Regiane Smocowisk. *Pega Visão: o protagonismo dos jovens rimadores em batalhas de MCs em Salvador*. 2019. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30953/1/MIRANDA%20R.%20Pega%20Visao%20O%20protagonismo%20de%20jovens%20rimados%20em%20Batalhas%20de%20MCs%20em%20Salvador.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.
- OLIVEIRA, Italo Antonio Gonçalves; SENA, Cláudio Henrique Nunes da. Batalha do Dragão: comunicação e conhecimento através do RAP. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 21., 2019, São Luís. *Anais [...]*. São Luís: Intercom, 2019.
- SANTOS, Célio José dos. Juventude e educação não-formal: uma análise das práticas educativas do/no hip-hop soteropolitano. *Cidades, comunidades e territórios*, Lisboa, n. 24, p. 76-87, jun. 2012.
- TAVARES, Breitner Luiz. *Na quebrada, a parceria é mais forte-Juventude hip-hop: relacionamento e estratégia contra discriminação na periferia do Distrito Federal*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3833>. Acesso em: 24 jan. 2021.

Data de submissão: 30/01/2021

Data de aceite: 03/02/2021